

PRETEXTO PARA FALAR DE MULHER

*Deonísio da Silva*

A mulher brasileira aparece primeiramente como personagem em nossa literatura e só muito mais tarde como escritora. A entrada tardia para o ofício deve-se certamente à sociedade patriarcal, que encarcerou a mulher num lugar subalterno, segregando-a sempre, até mesmo no interior da própria classe dominante. Assim, a alfabetização não era vedada somente às das classes dominadas, mas também às mulheres dos senhores patriarcais. Estes pensavam que a proibição de leitura fosse um excelente meio de moralizar a sociedade e a família, já de si tão desacreditada como instituição pelo concubinato teúdo e mantendo dos senhores chefes de família de então.

Assim procedendo, os senhores pais pensavam também livrar suas filhas do incômodo de ter que namorar através de bilhetes, de escolher um homem para casar, de apaixonar-se, ta refas que julgavam sumamente indigestas para seus rebentos (ou suas rebentas?).

Para aliviá-las do pesado encargo, eles mesmos selecionavam os noivos. E as moças experimentavam a estranha sensação de conhecer o feliz consorte somente à porta da igreja, que, como se sabe, estava de namoro indecoroso com os senhores em questão e por isso abençoava todos esses casamentos, reconhecendo, por esse modo, como lícitos aqueles enlaces perpetrados em seu terreiro. O ventre venenoso da sociedade patriarcal, de modo ardiloso ou não, sempre soube aproveitar a peçonha destilada nos alambiques eclesiásticos, utilizando na mistura genuínos remédios da Igreja, distorcendo no mais das vezes os ensinamentos evangélicos sobre os quais impunha - não sem a preciosa ajuda da teologia então dominante - uma exegese tão original quanto desavergonhada, que conseguia justificar as maiores iniquidades, endossando a ordem então vigente, que, resumida, podia ser vista assim: para os proprietários, tudo; para os outros, o Evangelho.

Entre esses outros, estavam as *outras*, ainda mais prendadas, de modo que, por estas paragens, muito antes do grito lúcido de famosos músicos ingleses, a mulher já era o negro do universo. Não podia escolher o seu marido, assim como não podia escolher a sua leitura e muita coisa mais.

Mas a mulher resistia. E aqui no Rio Grande do Sul não foram poucas as que pularam à garupa de um cavalo, agarradas à cintura de seus homens (é na cintura que se agarra quem foge na garupa?) para fugir de casamentos impostos pelo amor paternal. As fugas dessas moças tornaram-se clássicas e em toda a tradição brasileira encontramos variados exemplos deste original modo de proceder das filhas quando os pais exagera-

vam nos cuidados de proteção.

E as mães, como se comportavam em tal situação? Não tinham também um coração feminino, não percebiam a crueldade dos maridos? Ora, às mães cabia, por norma, o silêncio. Conhecido historiador brasileiro resumiu de modo doloroso e irônico a estrutura da família patriarcal: "pai tirano, mãe submissa, filhos apavorados".

Esta proteção mafiosa às pobres filhas era decorrente dos dois maiores sustentáculos morais da sociedade patriarcal, que eram o autoritarismo do pai e a virgindade da filha. Perdida a virgindade, a moça era expulsa de sua casa, pois o amor paternal arrefecia muito com tal desobediência. Afinal estava inscrito no código moral da família patriarcal que quem mandava no corpo da filha era seu pai. (Além de a virgindade funcionar como moeda; arrumando-se um casamento adequado, alargava-se a propriedade) A castidade da esposa tinha que vir de lambuja num pacote que incluía o concubinato do marido, como já disse. Vide o espanto da população quando o Coronel Jesuino é condenado por ter assassinado a mulher por causa de seus (dela; que os coronéis não eram disso!) amores com aquele dentista, em *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado. Todo mundo achava normal e justo o marido matar a mulher num caso desses, pois não estava fazendo mais do que lavar a honra com sangue. Hoje, com a chegada de ingredientes de limpeza muito mais poderosos, apresentados dia e noite em nossa intrépida televisão, o sangue foi dispensado como detergente. Faz-se um simples teste de janela e se constata: de fato, o sangue não dá mais o branco total radiante. É uma pena que os senhores patriarcais não dispusessem destes materiais de limpeza. Evitar-se-iam muitos crimes.

Os escritores brasileiros não ficaram imunes a toda esta tralha ideológica e endossaram na literatura vários dos preconceitos reinantes, apesar de haverem rompido com outros. As mulheres de Zé de Alencar, por exemplo, são brancas e odedi- entes, virgens e, quando não, castas. Depois o fundador de nosso romance se redime e nos dá *Luciôla*. Macedo e Martins Penna são os primeiros a imprimir o toque amorenado aos seus padrões de beleza. E a redenção estética da mulher negra só virá com o naturalismo. Não podemos, nem por isso, esquecer as mulheres de Machado de Assis, quase todas personagens de grande poder de fascinação, que nos textos de nosso maior escritor costumavam falquejar o machismo da sociedade imperial. Contudo o homem de mora um pouco a ver as coisas, pois antes de fazer estrear as personagens de que falo, nos dá *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Resurreição* e *A Mão e a Luva*, livros que trazem em suas páginas as

folhas de impostos ideológicos pagos por Machado ao tesouro da moral bolorosa e hipócrita qua ajudava a sustentar o biombo social da época.

Porém, quando a própria mulher começa a escrever, vão aparecendo outros nuances das personagens femininas, perspectivas até então desconhecidas, sequer imaginadas até então. De Teresa Margarida da Silva (um sobrenome raro entre nós, como se sabe!) e Orta, Nísia Floresta e Carmen Dolores - as primeiras escritoras brasileiras - passando por Júlia Lopes de Almeida e Lúcia Miguel Pereira, até chegar a Nélida Pinón, Adélia Prado, Marly de Oliveira, Clarice Lispector, Tânia Faillace, Edla Van Steen, Márcia Denser e outras, vemos cada vez mais mulheres escrevendo, exercendo o poder de sua palavra, marcando sua presença na vida do país, como em outros tempos procedeu Rachel de Queiroz, hoje uma apagada figura (Que Deus a tenha na Academia Brasileira de Letras!)

Hoje outras mulheres escrevem e tentam publicar fora dos grandes centros, o que talvez venha a ser um dos dados significativos da produção literária dos anos 70. Estes livros estão a revelar as primeiras tentativas bem sucedidas da mulher que quer escrever, sem fazer o percurso daquelas que a precederam, (isto é, do campo para a cidade; da cidade pequena para a cidade grande) desmanchando, com isso, quem sabe, uma outra ilusão: a de que a cidade grande seria o habitat natural do escritor.

I I I I I I

{II}